

ENTREVISTA

Savoy Residence Insular vai
valorizar o centro do Funchal

Roberto Castro e Hugo Jesus, RH+ Arquitectos

ANA LUÍSA CORREIA
acorreia@dnoticias-pt

Os madeirenses Roberto Castro e Hugo Jesus trabalham juntos desde 2007 e são os principais rostos da RH+ Arquitectos, gabinete responsável pelo novo projecto imobiliário que está a nascer no centro do Funchal: o Savoy Residence Insular. Os jovens cujo trabalho está também patente no Savoy Saccharum (Calheta) e no interior do Savoy Palace, já foram premiados pelo projecto do Savoy Residence Casa Branca (eleito como Melhor Empreendimento de Habitação 2019 nos Prémios do Imobiliário BpiExpresso 2019 e vencedor da categoria Edifício Residencial nos Loop Design Awards 2020). O novo projecto no centro da cidade, pela dimensão e zona de implantação, surgiu como um desafio, mas os arquitectos madeirenses mostram-se satisfeitos com o resultado que começam a ver surgir no terreno e acreditam que será uma mais-valia para o Funchal.

Foi um desafio criar este projecto residencial no quarteirão da antiga Companhia de Moagens Insular? Sim, foi um desafio. Para já pelo sentimento histórico que a própria cidade tem em relação a esta zona e, também, pela responsabilidade que isto nos trouxe em termos de conceito e em termos de materialização do projecto, já que tivemos de ter em conta a ideia do promotor (não podemos dissociar porque o objectivo primeiro num projecto como este é o de rentabilizar o investimento). Num segundo plano, o nosso objectivo foi que o empreendimento ficasse devidamente integrado. Não procurámos fazer qualquer tipo de cópia, mas tentámos apelar à memória colectiva, as tentámos fazer réplicas perfeitas do que existia anteriormente.

Até porque é um espaço emblemático. Não se pode dissociar o centro do Funchal daquele espaço? Sim, no fundo, aquele espaço representa uma espécie de 'landmark' personificada também pela chaminé que é um elemento preponderante. Neste contexto, optámos por manter no projecto esse elemento fundamental que, em termos visuais, achamos que iria apelar a essa visão/memória que as pessoas têm da cidade e daquela zona, em parti-

cular. No fundo, considerámos que também seria uma mais-valia para o projecto e para que o empreendimento se pudesse assumir no centro da cidade.

Vai ao encontro do slogan que tem sido usado "assim do legado nasce o futuro..." É esta ideia da traça arquitectónica que se vai manter e outros elementos mais modernos que se misturam... Em termos de dimensão arquitectónica, o que se propôs fazer e também tendo em conta as recomendações que fomos tendo durante o projecto, foi a de tentar ter uma imagem diferenciada. Ou seja, termos um projecto único com uma imagem diferenciada. No caso do edifício A, aquele que tem o casario junto à praça, esses edifícios, pelo valor histórico e pela importância que foi dada pela própria Direcção Regional da Cultura, em termos das fachadas e da importância que o edifício teria em todo o edificado, foram mantidos. Em relação ao edifício da Insular, que chamamos o edifício (B) mais emblemático, tentámos manter o mesmo em termos de escala, ou seja, ele manterá a escala que tinha em termos de volumetria. Alterámos, contudo, a linguagem porque tínhamos de dar um novo uso ao edifício, pois, na configuração anterior não conseguiríamos ir ao encontro das pretensões do promotor. No fundo, pretendemos que o edifício tenha uma imagem que as pessoas associem aquele lugar sem que seja uma cópia do que estava ali anteriormente. Em relação ao edifício (C) contíguo à rua do Anadia, optámos por uma imagem mais contemporânea, ligada a uma arquitectura de índole mais industrial, usando vidro, betão e elementos metálicos, uma linguagem mais transparente que contrasta com o edifício central, mais contido e maciço. Com esta abordagem, procurámos também diferenciar este volume do edifício A valorizando desta forma a sua linguagem tradicional... No bloco D, accedido através de um passadiço, à semelhança do que já existia anteriormente, optámos por uma linguagem que se assemelha em termos formais ao edifício que existia anteriormente, com uma abordagem mais leve e contemporânea com grandes envidraçados inerentes ao conceito adoptado dos lofts



Roberto Castro e Hugo Jesus trabalham juntos desde 2007. FOTO DR

“TENTÁMOS APELAR À MEMÓRIA COLECTIVA, SEM TENTAR FAZER RÉPLICAS PERFEITAS DO QUE EXISTIA”

com pés direitos duplos.

Projecto que traz inovação no exterior e interior? Sim, tentámos ir ao encontro ao programa apresentado pelo promotor, sendo certo que este tinha como objectivo criar um novo conceito a nível residencial na cidade. Procurámos adaptar as várias linguagens que os edifícios têm, incluindo na parte interior. Não queríamos criar um conceito dissonante na relação exterior/interior, ou seja, o projecto deverá transmitir uma ideia de coerência. Somos suspeitos, mas acho que conseguimos atingir os objectivos aos quais nos propuse-

dimento. As diferentes tipologias, conceitos e espaços ajudarão por certo a captar a atenção para vários públicos com diferentes sensibilidades.

Acreditam que este empreendimento vai valorizar o centro da cidade? Com certeza que sim. Aliás, uma das principais intenções do promotor, e por consequente do projecto, foi essa valorização e revitalização. O projecto nasceu como um hotel, sendo que depois optou-se evoluir para um empreendimento residencial. Isso reforçou a ideia de revitalizar o centro da cidade, ajudando desta forma a fomentar o interesse das pessoas em viver no centro do Funchal. No caso do hotel, onde a permanência é efémera isso não aconteceria. Desta forma, acreditamos que esta alteração acabou por ser bastante positiva para a dinamização da cidade.

Agora que as obras já começaram, ver o empreendimento crescer dá gozo? Sem dúvida. Foi um processo longo que passou por muitas reuniões e discussões, dada a zona de intervenção, pelas sensibilidades envolvidas, por tudo aquilo que um projecto desta dimensão implica. É, assim, muito gratificante acompanhar todo o processo de materialização deste nosso projecto.

Este foi o projecto mais desafiante da RH+ Arquitectos? Porventura sim, por estar inserido neste núcleo urbano, em termos de escala e de importância para a cidade. Contudo, consideramos que o Saccharum Hotel foi também um grande desafio, difícil de superar pela integração na paisagem que teria de ter dada a sua localização muito particular.

Este então foi o maior projecto que vos passou pelas mãos? Como projecto de raiz em área urbana podemos dizer que sim. No Savoy Palace estivemos presentes, mas neste caso específico no projecto de interiores. Fomos autores do projecto Savoy Residence na Casa Branca, mas em termos de escala é completamente diferente.

Na área de reabilitação fomos responsáveis pelo projecto do Hotel Alto Lido, um projecto de dimensão considerável e estamos no presente momento a finalizar as obras do futuro Hotel Next da Savoy Signature (antigo Madeira Regency Club).

mos, no casario e no edifício da Insular com uma imagem que vai buscar elementos contíguo clássicos, no edificado contíguo à Rua do Anadia em que adoptámos uma linguagem mais minimalista e no bloco D, o mais pequeno, que tem um conceito mais industrial com os lofts. E em todos eles tentámos fazer as devidas diferenciações, sem fazer algo muito pesado em termos cromáticos. Procuramos trabalhar com uma paleta mais neutra.

Estes são conceitos que se adaptam a todas as faixas etárias e gostos? Sim, as variáveis criadas pelas diferentes linguagens da intervenção permitem maximizar o público-alvo... Por exemplo, quem procura um loft não quer grandes vistas, daí o pé direito duplo com mais luz no interior. Também a questão das piscinas nos apartamentos na zona de cobertura é um conceito diferente na Madeira e pretende valorizar em termos comerciais o empreen-